

Pauta: Paz nas escolas

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): (14h31min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. Boa tarde, pessoal. O presidente está chegando, peço a vocês um pouquinho mais de paciência, em cinco minutos ele já estará no local. A pauta desta reunião é: paz nas escolas. É uma proposição do Ver. Giovanni Culau e Coletivo, a quem passo a presidência dos trabalhos.

(O Ver. Giovanni Culau e Coletivo assume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Ver. Gilson, boa tarde a todos e a todas. Vamos dar início a mais uma reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. O nosso presidente, o Ver. Mauro Pinheiro, logo mais está chegando aqui. Mais uma vez, Ver. Gilson, debatendo e trazendo aqui para o nosso debate esse tema do desafio da construção de uma cultura de paz nas nossas escolas, sobre o tema da violência no ambiente escolar. Então eu gostaria de chamar, desde já, para compor a Mesa: a Dra. Cristiane Della Mea Corrales, que é promotora de Justiça e também coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Educação, Infância e Juventude; o Sr. Gelson Luiz Guarda, secretário adjunto de Segurança Pública, mais uma vez aqui conosco – muito obrigado, bem-vindo; o Sr. Marco Aurélio Goulart, representando também a Guarda Municipal; a Sra. Célia Cristiane Peres, representando a Secretaria Municipal de Educação; a Sra. Adriana Santos, representando a Secretaria de Desenvolvimento Social; e o Sr. Filipe Severo, representando os estudantes, a partir da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

Para contextualizar todos e todas, infelizmente, ao longo deste ano... O nosso presidente está chegando. Bem-vindo, Mauro; como sabíamos que tu estavas de chegada, já demos início aqui, acabamos de compor a Mesa com os nossos convidados e convidadas. Eu compartilhava aqui, Ver. Mauro, Ver. Gilson, que, infelizmente, o tema da violência no ambiente escolar é um dos grandes temas

que tomou conta do País ao longo do ano. Nós, no 1º semestre, fizemos um debate sobre esse assunto aqui na Câmara, a partir dos atentados que, infelizmente, marcaram as escolas no nosso País. Nós tivemos mais um atentado em São Paulo no dia de ontem, que foi o 11º atentado. Nós discutíamos, Mauro, lá no 1º semestre, que o enfrentamento a essas situações exige de nós ações de inteligência, de prevenção, de combate também à violência propagada e ao ódio propagado a partir das redes sociais e organizados na internet. Mas nós nos deparamos, e o Mauro é da Zona Norte, sabe muito bem sobre isso, também aqui na nossa cidade, Gilson, sobre esse tema da violência, e tu és proponente de alguns projetos de lei sobre o assunto, nós nos deparamos aqui na nossa cidade com esse tema da violência nas escolas numa outra perspectiva, em especial na Zona Norte, quando, a partir dos conflitos promovidos pelo tráfico, disputa de facções, nós vimos, no final de setembro, no início de outubro, escolas da Zona Norte da cidade serem fechadas pelos conflitos. Tivemos casos bastante graves na Chico Mendes, na Victor Issler, temos uma EMEI também na região, e passaram todas elas por volta de uma semana inteira fechadas. Antes mesmo do fechamento integral dessas escolas, nós já identificávamos e tínhamos o relato de um funcionamento não com uma rotina escolar plena; relatos de frequência de apenas 40% dos estudantes e das estudantes, porque, infelizmente, o que nós vimos na Zona Norte da cidade ao longo do último mês foi uma realidade de tiroteios à luz do dia, famílias retiradas de suas casas, frutos dessa disputa e ação do tráfico de drogas; então uma situação de alto impacto na rotina, na vida escolar, com toque de recolher. E isso motivou que nós trouxéssemos, mais uma vez, este tema aqui para a comissão. A comissão é um instrumento da Câmara de Vereadores, que é um órgão de fiscalização e de acompanhamento dos temas da cidade. Então, eu agradeço, mais uma vez, a todas e todos os convidados por estarem aqui. Penso que nós poderíamos começar ouvindo, em especial, a Secretaria Municipal de Educação com o relato sobre a situação das escolas da Zona Norte, qual foi o acompanhamento dado e o tratamento dado pela Secretaria Municipal de Educação e também a sua articulação com os demais órgãos e secretarias.

Quero justificar que, justamente por essa situação de vulnerabilidade, tanto a escola Chico Mendes, como a Victor Issler, que estariam aqui, não puderam estar. Elas têm um quadro de RH também limitado que faria com que, se estivessem aqui, prejudicassem o funcionamento e a rotina escolar, em particular, a Chico Mendes, infelizmente, que seria a escola representando hoje a comunidade da região. Nós demonstramos e registramos aqui também a nossa solidariedade, porque teve um aluno da escola que faleceu, então, hoje a escola está em luto. Isso fez com que a escola que representaria hoje a comunidade não pudesse estar aqui. Então, de imediato, passo para a SMED para que possa dar a sua contribuição no debate.

SRA. CÉLIA CRISTIANE PERES: Uma boa tarde ao Presidente da Casa, da Câmara de Vereadores, a todas as autoridades que aqui estão. Eu trabalho na SMED, sou professora da rede municipal e tenho algumas formações. Trabalho hoje na área de prevenção da violência e acidentes na escola. Antes de tudo, eu cumprimento o Presidente da Casa, em nome do nosso secretário José Paulo, que não pôde estar aqui. A vontade dele era de estar aqui neste momento. Eu e a Luciane, lá do gabinete, o representamos, porque ele está no seminário do Ministério Público sobre educação integral. É muito importante que se façam estes momentos, e a gente agradece, desde já. A gente pode, então, compartilhar com vocês quais são as nossas ações e como vêm sendo as nossas ações de prevenção à violência nas escolas. Nós tivemos um ano bastante atípico, muito movimentado, que nos exigiu muita dedicação, uma dedicação de final de semana, de feriado, a todo momento para as nossas escolas. E aí eu vou explicar como é a nossa ação. Até em outra oportunidade, eu já fiz isso, mas eu penso que tem pessoas, às vezes, que ainda não conhecem. Então, acho que seria importante, de forma resumida – a gente sabe que todo mundo tem um tempo para falar –, a gente colocar o que tem sido. Então, todas essas situações nos exigiram muita ação, muito acompanhamento, muita assessoria. Desde o ano passado, 2022, nós implementamos, nas 98 escolas da rede municipal, as CIPAVes, as comissões internas de prevenção de

acidentes e violência na escola. Essa lei já é uma lei municipal desde 2018, mas não a tínhamos implementado. Isso foi feito agora, neste governo. No Estado, já tem e, inclusive, nós temos um contato mais próximo com o Estado, até para a gente poder se espelhar nessa excelente ação. Já é uma experiência que nos remete que o caminho é por aí. Então, nós implementamos... Na SMED, nós não temos muitas pessoas para trabalhar. Por enquanto, nós temos duas; tínhamos três. Mas a gente consegue dar esse acompanhamento, essa assessoria, porque hoje a tecnologia facilita e nos aproxima. Ela aproxima as distâncias e agiliza o atendimento. Isso é muito bom. Nós temos um grupo de WhatsApp, o CIPAVE-SMED. Ali, nós temos diretores, orientadores educacionais que já passaram por capacitações que nós oferecemos ao longo do ano. Uma das capacitações se chama programa Acesso Mais Seguro, que é o nosso apoiador matricial. Na metodologia do Acesso Mais Seguro, nós montamos toda a nossa prática da CIPAVE, que é na questão da prevenção à violência, principalmente a violência armada. A gente sabe que as nossas escolas estão sim em territórios mais vulneráveis, são territórios onde a violência armada está ali, a gente não pode negar. Eu acho que saber isso e reconhecer isso já é uma forma de prevenção. Eu lembro que quando cheguei na rede, também não sou aqui da capital, eu vi tudo acontecer no território da escola onde eu trabalhava na Restinga Velha. Eu não sabia, porque não tínhamos programa de prevenção, aos poucos eu fiquei sabendo, no meio do susto, do medo, dos traumas que a gente vai criando também, em função disso, eu fui reconhecendo o território e aprendendo a me autocuidar, mas assim de forma empírica, de forma intuitiva. Hoje nós temos o Programa Acesso Mais Seguro para orientar os colegas que atuam como multiplicadores nas escolas. É uma prevenção baseada na metodologia do Comitê Internacional da Cruz Vermelha que atua em mais de 100 países no mundo, em países em guerra. Eles são uma instituição, assim, voluntária, não tem – como é que eu vou dizer –, parceria em termos financeiros, recursos, não há nenhum, eles agem por quê? Por que que eles nos escolheram? Porque Porto Alegre tem um alto índice de vulnerabilidade nos territórios, tem um alto índice de violência, por pesquisas, por esse

acompanhamento que vem sendo feito. E infelizmente a gente tem que dizer isso também. Então eles fizeram uma parceria conosco, SMED, saúde e com a FASC, onde se passa todo esse desenvolvimento de comportamentos mais seguros em áreas de risco. Então é a questão da prevenção; é do antes da crise e o pós-crise; porque a gente sabe que a crise a gente gostaria muito de poder evitar, mas não está nas nossas mãos infelizmente. Mas a gente pode sim minimizar e mitigar as consequências humanitárias em relação a essas situações que vêm ocorrendo: tiroteios aí, nós temos essa última situação, último episódio, vamos dizer bem grandioso dos confrontos armados lá na Mário Quintana e que levou a algumas escolas fecharem. A ideia, dentro da proposta do Acesso mais Seguro é que as escolas fechem em último caso, realmente. Então é preciso ser feita uma análise do território pela própria escola que está ali no território, não somos nós SMED, que diz: ah, vocês têm que fechar, vocês têm que abrir... Não. A gente passa as orientações de prevenção, e a escola e direção, juntos com o conselho se reúnem, analisam – o conselho sempre tem integrantes da comunidade que conhecem muito o seu território –, e fazem a opção por fechar ou manter aberta. Porque é uma proposta do CICV, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, porque se acredita que a escola ainda é o lugar mais seguro para crianças e adolescentes estarem, em vista de que, mesmo que estejam em territórios de risco. têm crianças e adolescentes que não têm onde ficar durante o dia, porque seus pais têm que trabalhar, independente da violência ou não, eles têm que ir, e muitos acabam perdendo o seu trabalho, o seu o único ganho porque eles têm que atender os seus filhos, se eles não forem para escola. E a gente também faz o olhar que as crianças e os adolescentes concentrados na instituição escolar, na unidade, vai ser mais fácil protegê-los, vamos dizer que a Guarda vai estar lá, que são nossos apoiadores, assim também referenciais, eles estão muito próximos a nós e fazem um trabalho maravilhoso, muito elogiado pelas escolas, eles possam estar lá nesses momentos de crise, de medo, de insegurança. E aí fica mais fácil, até porque se cada criança estiver espalhada, vai ficar difícil. Mas aí a gente entra na questão dos professores, dos funcionários que precisam se deslocar e precisam transitar nesses territórios que estão em

confrontos, e como se faz isso? Então, dentro desse protocolo de acesso, tem também toda a questão da comunicação interna e comunicação externa, e aí vem a tecnologia nos ajudar de novo. Vamos supor que esteja um professor se deslocando para o seu local de trabalho e o confronto está armado lá, o que é feito? É preciso que a escola esteja se comunicando, alguém vai estar na escola, não adianta, sempre alguém vai ter que abrir a escola ou vai ter que estar lá, porque algum aluno pode chegar a qualquer momento. Essa pessoa vai informar para que procure um lugar seguro, aguarde, não chegue na escola agora porque na esquina, por exemplo, tem uma situação muito crítica. Então é essa a comunicação. Por exemplo, nós temos aqueles professores que se sentem traumatizados: como é que eu vou ir para lá, eu não estou me sentindo bem. Também nós temos o desenvolvimento de pessoas da SMED que são encaminhados, é uma equipe de psicólogos, a SMAP também tem, oferece esse acompanhamento, é uma questão muito individual, eu falo isso porque eu vivi na escola isso. Tem aquele colega mais sensível, tem aquele colega que é mais firme que consegue vivenciar aquela situação e segurar junto com os outros e aí, então, é feito uma análise individual, cada caso é um caso, cada situação é uma situação. Por isso que não dá para chegar e dizer para fechar todas as escolas da região norte, por quê? Porque tem regiões que elas até ficam ali, mas não estão muito interligadas. Se a gente for levar em conta, a gente não vai abrir nunca, porque a situação é insegura no dia a dia. Então é feito esse olhar, é uma caminhada, nós tivemos uma mudança de equipes diretivas e que isso também é um recomeçar. A CIPAVE está aí para dar esse apoio contínuo, essa formação contínua, ela iniciou em 2022, mas ela tem muito o que fazer ainda. A gente também conseguiu oferecer no ano passado formação em círculos e construção de paz, uma parceria que a ideia foi um investimento da SMED com a Júris e isso trouxe a formação de vários facilitadores para dentro da escola. A gente entende que atua como prevenção pela cultura da paz e também no pós, quando tem essas questões pós crise, de como vamos tratar quando o pessoal está todo apavorado, aquela situação lá em São Paulo pode vir acontecer aqui e aí vamos entrar com círculos de paz, vamos entrar com rodas de conversa. Nós temos nas

mãos a educação, nós temos nas mãos a oportunidade de transformar esse quadro e é essa a linguagem que a gente tem usado com os nossos colegas quando tem as situações. No início do ano, Dia D, o dia que vai ter mais massacre, lembram, nas escolas e nós conseguimos reverter por meio da CIPAVE. Quando acontece, logo vem em fechar a escola e colocar uma faixa de luto; vamos reverter, gente, nós temos que reforçar aquilo que é bom, vamos reverter esse quadro. Nós tivemos naquela situação só duas escolas fechadas naquele dia, as demais abriram – a gente até se emociona de contar o quanto foi bonito o trabalho de reverter –, reverteram aquele quadro, aquela situação para canalizar nas questões de paz. Então a gente acredita. Agora nós também lançamos uma campanha que é Escolas e Famílias em Movimento de Paz, por quê? Porque nós tivemos também um aumento bem acentuado na questão das agressões da família com a escola infelizmente, agressão física para as vias de fato e tudo mais. Vamos fazer o quê? Nós tivemos uma reunião, na semana passada, na SMAP, no auditório, e combinamos, então, essa campanha em nível de rede, nós temos um slogan, nós temos todo um trabalho a ser feito e as escolas, de forma espontânea, fazem o seu trabalho. Não adianta a gente querer impor as coisas, tem que ser construído, então a gente constrói com as escolas. Quanto à situação que ocorreu novamente em São Paulo, é o segundo episódio este ano gravíssimo, o que já foi combinado em nível de gabinete, de secretário, de proposta? Dentro da CIPAVE, nós, além das ações que a gente vem fazendo de forma contínua, sem parar, incessante e acompanhamento, temos, no dia 16 de novembro, a 2ª Conferência CIPAVE que vai ocorrer no auditório da SMAP e que uma das temáticas que nós teremos, nós vamos ter um painel sobre *bullying* e prevenção para a cultura da paz. Nesse painel, nós vamos ter a presença de palestrantes e estamos ainda fechando as pessoas que vão estar, para a gente falar sobre essa questão do *bullying* que provavelmente, pelo que indicou, foi uma situação. O *bullying* também a gente tem uma caminhada, um estudo sobre isso desde que chegou no Brasil. A gente sabe que o massacre em Columbine foi uma situação que repercutiu no mundo inteiro e, logo que chegou no Brasil, que começou a fomentar essa temática, eu construí um trabalho em cima disso,

uma pesquisa. E qual é a forma de prevenção? A prevenção está nas mãos de todos nós que estamos lá dentro da escola, estamos nas famílias, estamos na SMED, estamos em qualquer outra situação que é não permitir que ocorra essa depreciação humana, buscando a igualdade sempre, a isonomia entre as pessoas, para que se crie a paz no meio das diferenças. Nós somos um povo, uma construção, uma cultura de diferenças, e isso é maravilhoso. Então, a gente precisa fazer esse trabalho e nós vamos fazer. Na conferência, a gente oferece *lives*, nós temos parceria com a OAB também, que tem nos auxiliado na questão dos direitos, na questão das dúvidas que as escolas têm. O nosso trabalho é incessante, e, cada vez que a gente realiza ou promove alguma ação, a gente quer mais, quer fazer mais, mais e mais, para poder ajudar as nossas escolas que ficam em situações assim.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Célia. Exatamente é tarefa nossa, enquanto Câmara de Vereadores, acompanhar a ação do poder público, inclusive com vistas a poder colaborar com a ação do Executivo Municipal. Ouvir esse relato é bastante importante para a gente, e já anotei aqui algumas sugestões que tenho para debatermos na sequência. Agradecer ao Ver. Giovane Byl, que compõe a comissão e que chega aqui no nosso debate. De imediato, quero passar para a Dra. Cristiane.

SRA. CRISTIANE DELLA MEA CORRALES: Boa tarde a todas e a todos. Na pessoa do Presidente da comissão, saúdo todos os vereadores. Agradeço o convite e a oportunidade. Meu nome é Cristiane Della Mea Corrales. Eu sou promotora de Justiça, coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Educação, Infância e Juventude do Ministério Público do Rio Grande do Sul, uma nova gestão do Ministério Público, a qual assumi há quatro meses. Parabenizar o Poder Executivo por essas iniciativas que já foram relatadas aqui. Nós temos dez promotores regionais de educação no Estado: temos um em Porto Alegre que atende Porto Alegre e região metropolitana; temos em outras regiões, de forma que cada município do Rio Grande do Sul está vinculado a uma Promotoria

Regional de Educação. Então eu sou do Centro de Apoio, não sou promotora de Execução neste momento por estar ocupando esse cargo no Centro Operacional. Dizer que, na linha do que os promotores regionais de educação trabalham, a caminhada que está sendo feita pela Secretaria Municipal de Educação está no caminho correto. E me parece que isso já ultrapassou os limites da educação e se trata de segurança pública, porque nós estamos aqui tratando de situações extremas, onde falamos de facções e é impossível... Nós não conseguimos chegar a falar no acesso, na inclusão e na qualidade da educação, porque nós não conseguimos manter algumas escolas abertas. Então, isso é algo muito preocupante mesmo, e é preciso que outras ações surjam e não apenas da educação que já está fazendo esse movimento interno e com as famílias. Sim, é preciso que as famílias participem desse processo, que elas se deem conta, porque nós temos muitos relatos de violências contra crianças e adolescentes no ambiente familiar também e, com certeza, de alguma forma, isso vai reproduzir na escola. Eles vão pedir até socorro na escola, mas, às vezes, de uma forma violenta ou agressiva. Então, ali, nós tratamos de relações que são dentro do espaço escolar entre os pares, entre os alunos, dos alunos com os professores. E nós sabemos que há muito desrespeito internamente nas escolas também dos alunos em relação ao professor e também dos pais, como relatado aqui, ou das famílias ou responsáveis em relação à equipe da escola. Isso é muito preocupante, me parece que essas ações que já estão sendo adotadas nessa linha estão bem encaminhadas, mas a questão de segurança pública parece que não está sendo suficiente neste momento, e nós precisamos que a escola seja um lugar seguro e acolhedor, porque cada movimento desses que acontece, com certeza, impacta no sentimento, na insegurança dos alunos e professores, com razão, nas famílias, nos responsáveis por eles. Nós fazemos um trabalho incessante de busca ativa de recuperação de aprendizagem de um pós-pandemia, então nós temos muito desafio, cada dia é muito importante, cada momento de convivência na escola ou de contato presencial com o professor é indispensável para nós recuperarmos essa aprendizagem que ficou deficitária por conta da necessária suspensão das

aulas presenciais. Então é algo que nós estamos deixando de fazer nas escolas que não estão conseguindo abrir por alguns dias. Isso já é mais um prejuízo que essas crianças e adolescentes sofrem. Então essa é a visão que eu vejo, enquanto Ministério Público, enquanto coordenadora da área da educação infância e juventude, a minha matéria não é a parte criminal nem a segurança pública do Ministério Público neste momento, mas quero dizer para vocês da experiência que eu trago porque antes de assumir centro de apoio eu era promotora regional da educação de Osório, na região do litoral, e da importância da proximidade das instituições envolvidas. Mas diante do atual cenário, me parece que a questão é estritamente de segurança pública que nós possamos garantir as escolas abertas, e aí o processo de aprendizagem e tudo que a escola representa para esses alunos, como convivência social e aprendizagem, mas não apenas a aprendizagem acadêmica, formal e pedagógica, mas muito mais socioemocional para várias competências. Inclusive na questão da saúde mental, o Ministério Público, na área da educação, tem elencado como das prioridades, não apenas dos alunos, mas também dos profissionais de educação. E nós podemos imaginar como ficam os alunos e os profissionais de educação nessas escolas, o quanto difícil é retornar para esse espaço, porque aí nós estamos falando da vida, do direito à vida. Claro que a educação é um dos direitos fundamentais principais que nós devemos garantir, mas a vida ainda é o principal. Então quando nós estamos colocando em risco a vida, realmente nós chegamos em um momento bem crítico da situação em que é preciso outra ação, além da que já está sendo desenvolvida, ao meu ver. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANE CULAU E COLETIVO (PCdoB): Nós que agradecemos. O Sr. Gelson Luiz Guarda está com a palavra.

SR. GELSON LUIZ GUARDA: Eu até gostaria de falar, porque eu tenho que ir para a comunidade, eu tenho que estar lá na Restinga daqui a pouco no fórum de segurança. Cumprimento o Presidente Giovani, prazer em te ver, o Ver. Giovane, o Ver. Mauro Pinheiro, é grande prazer estar aqui e quero dizer para a

Célia mandar um grande abraço para o José Paulo, que é o secretário novo, mas tem demonstrado por que veio. Eu teria um montão de coisa pra fala e eu acho que eu gostaria de iniciar e dizer que o Ministério Público tem que estar presente mais lá com essas comunidades que sofrem, com essas comunidades que necessitam do Ministério Público, porque quando a gente fala – e é uma realidade – que isso é caso de segurança pública, eu vejo que inclusive a luz que falta na praça, onde as pessoas não têm e não vão, é segurança pública; a poda da árvore é segurança pública, e a segurança é um todo. Mas eu vejo que tudo é um caminho que eu considero que é uma corrente cheia de elos que inicia lá na família, onde a família falhou, onde a saúde falhou, onde a educação falhou e estoura na segurança pública porque tem que prender, tem que correr, tem que fazer. Mas é por isso que a gente está aqui, hoje ainda me disseram: “Bah, eu estou aqui e é só problema.” E eu digo: “Mas é por isso que a gente está aqui.” Porque se a gente vem trabalhar é porque gosta e porque tem algo para entregar, porque senão a gente estava em casa, sem fazer nada. A gente está presente nas comunidades, a gente foi no Chico Mendes, a gente tem se encontrado com comunidades não só da comunidade escolar, até mesmo porque eu comandeí aquela área lá e eu ficava ali na Protásio Alves com a Manuel Elias em um tempo diferente, mas, naquela época, se falava em Chico Mendes, e já era um pouquinho pesado, sabe? Aí eu falo do Chico Mendes, eu falo do Mário Quintana, eu falo do Rubem Berta, é o território que é conturbado. Quando nós falamos em Zona Norte, vereador, nós acabamos de ter na Cruzeiro, nós tivemos na Cruzeiro, e vocês acompanham o que é, o que a comunidade escolar como um todo sofre, quando dá o problema nas comunidades, quando se fala em tráfico. Eu volto a dizer que nós temos uma legislação deficiente, nós temos o compromisso com a comunidade, mas, muitas vezes, a gente prende essas pessoas, e essas pessoas saem antes do que a gente da delegacia. É uma legislação porca, que precisa ser revisada, que muita gente é a favor das drogas, e é isso que a droga faz, porque tudo que está ocorrendo lá no Mário Quintana, talvez o vereador que é daquela região possa contribuir comigo, é droga, e a droga destrói a família, a droga destrói a escola.

E o ambiente mais saudável naquela região, por incrível que pareça, é dentro da escola. Aí ouvindo uma professora, ela diz assim: “Secretário, essas pessoas têm que vir e têm que ir”. Está aí o problema. Não deu problema nenhum dentro das escolas, porque nós temos... Quando deu o problema lá em Santa Catarina, no outro dia, nós tivemos uma iniciativa que foi o botão de pânico, todas as escolas têm o botão de pânico. Nós, pessoalmente, fomos para dentro das comunidades escolares. Estivemos ali perto do Shopping Iguatemi, do outro lado ali, no Bourbon Country, com todas as escolas, e instruímos toda a comunidade escolar, do professor ao aluno, àquele que faz o serviço diário. Nós instruímos todos a usar o botão de pânico, e, graças a Deus, e tomara que continue assim, nós não precisamos usar. Sabem por quê? Porque em todas as escolas existe vigilância, acabou, e nós não vemos, ouvimos falar, e na mídia não aparece mais que roubaram o computador da escola, roubaram a merenda da escola, isso não se ouve mais. Isso foi por quê? Porque a Secretaria de Educação botou vigilância nas escolas, nas 98 escolas. Além do mais, pensando que não é só a escola, nós temos as conveniadas, nós esticamos para as 257 conveniadas a questão do botão de pânico. Eu fui, juntamente com presidente da FASC, juntamente com o CMDCA, juntamente com várias pessoas, estivemos aqui, nesta Casa, ministrando instrução para toda a comunidade que presta também serviço para a Prefeitura Municipal, para a sociedade, que são conveniadas. Outra coisa: nosso serviço de inteligência é muito bom, e aí vai uma coisa que nós conquistamos que foi a parceria com outros órgãos de inteligência. Quando deu o problema em Santa Catarina, ele repercutiu aqui em Maquiné, e o nosso serviço de inteligência foi atrás, porque daqui... Que é que tem que ver lá, foi Santa Catarina, que bateu lá no menino do Paraná? Aquele menino do Paraná, vendo o telefone, nós chegamos ao menino aqui em Maquiné, onde a mídia mostrou que foi encontrado. Eu pergunto para todos aqui, aqueles que são pais, que têm filhos, que têm irmãos: eu sei o que o meu filho leva para o colégio? Eu sei, eu vejo a mochila do meu filho. Quando eu chego em casa, eu chego, muitas vezes, depois do fórum, às 10, 11h da noite, eu vou lá dar um beijo no meu filho. Como é que foi? Como é que está no mês da criança? Nós olhamos, nós temos

a preocupação de olhar o celular da nossa criança e principalmente da nossa filha, que é mais vulnerável. Nós olhamos o nosso celular, ou melhor, o celular da nossa filha, é antipático, não é? E nós não fizemos. E aí ocorreu ontem, em São Paulo, e, graças a Deus, que aqui temos a ciência que, se ocorrer, vai ser, talvez, dentro da comunidade escolar, porque nós temos que notar a diferença, nós, professores; nós, funcionários, temos que ter a preocupação com a mudança de comportamento dos nossos alunos e também da comunidade escolar, como um todo, e aí que começa. O senhor sabe quem era aquele menino que fez o que fez? É porque era namorado da menina e era estudante da escola. Então são coisas que nós evitaríamos. Eu acho que tudo com o olhar da psicóloga, da assistência social, que o colégio deve ter, de ela analisar, e é difícil, os colégios têm milhares de estudantes, é muito difícil. Mas, pensando nisso também, nós, Guarda Municipal, Secretaria de Segurança, temos dois caminhos e um destino, quais são? São guardas que são dedicados ao trabalho com as crianças, que vão para dentro dos colégios falar sobre o ECA, falar sobre a drogadição. Aqui está o Marco, que tem anos de serviço. Nós vamos e estamos lá em todas as regiões de Porto Alegre, e não é só a escola, tem outros que sofrem com isso, que é o pessoal das unidades básicas de saúde, aquelas enfermeiras, em que, se for baleado, os caras vão para lá. Na Cruzeiro, a primeira coisa que acontece. É uma preocupação da Secretaria de Segurança, mas nós temos alguém que tem nos ajudado bastante, que é esta Casa aqui. Os vereadores têm contribuído muito pela segurança pública, como um todo, e as escolas não são diferentes. Nós botamos 12 câmeras na frente de 12 colégios graças a esta Casa. Essas câmeras que têm a EPTC, a Secretaria de Segurança, nós temos 12 colégios dos 98 que nós iniciamos com câmeras dentro, ou melhor, na frente do colégio. Eu sou o responsável, a gente tem dado palestra sobre a questão do colégio, se nós formos entrar, nós vamos ver que tu não tens como falar de uma escola de ensino fundamental a mesma coisa de uma escola de ensino médio ou superior, por quê? Porque o público que vai sofrer é diferente. Uma escola de criança, de quatro, cinco, seis anos, não serão elas que vão ser os autores. Já numa escola com uma idade maior tem uma

grande probabilidade, contanto que essa de ontem foi por um jovem de 15 anos, assim como nós não podemos – e é difícil para mim dizer isso – analisar o colégio daqui do centro, de um Pastor Dohms, com aquele colégio da Restinga, lá das Ilhas, porque se eu disser para eles: “Olha, tu tens que botar câmeras na frente; tu tens que fazer o acesso com cartão; tu tens que botar um detector de metal.” Eles vão dizer assim: “Mas espera aí um pouquinho, o nosso colégio está caindo aos pedaços, tu vens me falar em botar tecnologia aqui?” Ao mesmo tempo, nós temos colégio, como o Israelita, com uma tecnologia imensa! Então, nós temos que analisar as coisas de acordo com a realidade de cada momento, de cada situação, de cada colégio. Eu tenho ido em cada colégio que não dá! Tem que demolir o colégio e construir outro novo, porque não tem pintura, porque não tem um montão de coisa. Então, o que está dando na Zona Norte, hoje, se vocês forem na Zona Norte, a população está apavorada, tem muita polícia lá, a Brigada está em peso; a Guarda está em peso. E eu – podia mostrar aqui – estou lá na frente do Colégio Chico Mendes. Nós fomos em todos os colégios, nós fomos lá na Timbaúva falar com a enfermeira responsável, mas, pessoal, é difícil. O crime, o tráfico... É difícil. E quase todos, ou uma grande parte, são jovens, que não vão chegar aos 40, 50 anos. O armamento que foi pego lá, o armamento que foi pego era para usarem eles contra eles, mas também como foi o enfrentamento com a polícia. E aí nós vamos falar – e como é bom, Culau – ter e poder vir aqui nesta Casa, Ver. Mauro Pinheiro, e dizer: parabéns para vocês! Porque vocês trouxeram as pessoas, e para nós discutirmos junto. Ninguém vai ter a solução individual. Nós temos um grande problema, a própria polícia tem um grande problema: onde é que nós vamos botar o nosso pessoal, os guardas, as brigadas? Eles também têm família. Para enfrentar aquelas pessoas, não é fácil. E muitos deles moram no mesmo lugar. Aí nós ficaríamos aqui, e eu acho que eu já me estendi muito... Nós temos a CIPAVE, nós temos os territórios da paz, nós temos, nós temos, nós temos... Mas nós temos muito pouco. Porque quem sofre é a professora, é o aluno, é a comunidade escolar, é aquele que vai fazer o serviço, é a cozinheira, é a assistente social, é desses que nós temos que cuidar. Como nós vamos fazer isso, se o que acontece é no meio, é no

trajeto? Dentro do colégio não aconteceu nada; pelo menos que eu saiba, até agora. E, por favor, nós precisamos ser abastecidos. Mais uma vez eu digo: eu tenho o nome de todo mundo daqui ou daquelas pessoas que a gente vai visitar, e nós temos os fóruns de serviço. Nós somos 17 regiões do Orçamento Participativo, e todos os meses tem uma reunião do orçamento do fórum de serviço, aberta para toda a comunidade, não só para discutir problema de segurança, mas como um todo, pois até um buraco na rua é segurança. E nós pedimos a colaboração e a participação de todos. Nós temos ido, e eu acho que nós vamos pouco. Tu tens nos visto lá. Hoje nós vamos lá para aquela tua região de novo. Hoje nós vamos para a Restinga; amanhã nós estaremos no Extremo-Sul, e levando a delegada que vai falar também sobre o que a mulher sofre. Nós temos o Programa de Defesa e Proteção da Violência Contra a Mulher – daqui a alguns dias vocês vão começar a ver nos ônibus. Nós temos feito um trabalho preocupado com o trabalho infantil, que é o projeto Caminho dos Trilhos, porque as crianças que vêm da região metropolitana acabam todas aqui em Porto Alegre. Então, essa também é uma preocupação da Secretaria, pois, de toda a região metropolitana, as crianças vêm trabalhar aqui. É Caminho dos Trilhos o nome do projeto. Perdoem-me se eu me estendi, mas a Secretaria de Segurança Pública trocou de lugar; ela saiu da frente do Beira-Rio, onde pagava um bom aluguel, e hoje nós estamos ali onde é a Procempa, na frente da Polícia Rodoviária Federal, ali na Av. Ipiranga, onde nós não pagamos nada. Portas abertas e sempre – sempre! – dispostos a ouvir, principalmente aquele que sofre lá. Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, secretário. Enquanto eu o ouvia, e também enquanto ouvia a Dra. Cristiane, pensei que é importante compartilhar com todos e todas que ontem, aqui na Câmara Municipal, nós aprovamos, por unanimidade, um projeto de minha autoria, coautoria do Ver. Giovane Byl, de promoção da saúde mental de jovens e adolescentes; a instituição de uma política, de um programa municipal, que agora precisa ser regulamentado pelo Executivo. Isso vai ao encontro do que

vocês levantaram aqui no debate. Nós ouvimos a Secretaria de Educação, a Secretaria de Segurança, também o Ministério Público, nós ainda temos três convidados para ouvir e ainda as contribuições dos vereadores para encaminhar a reunião. Então, eu queria pedir a compreensão de todos, a partir de agora, eu vou avisar quando a gente chegar aos cinco minutos de fala, para que a gente tente se organizar para concluir as manifestações. Certo? O Marco Aurélio, representando a Guarda Municipal, está com a palavra.

SR. MARCO AURÉLIO GOULART: Boa tarde a todos, boa tarde à mesa, boa tarde, presidente, sou o Marco Aurélio, guarda municipal, chefe de equipe operacional, e, no âmbito da Guarda Municipal, acho que o secretário Gelson já trouxe bastante ênfase, a Célia também, de como é o nosso empenho dentro dessas comunidades. Estamos 24 horas ali trabalhando, socorrendo a SMED, que nos chama através do nosso grupo de WhatsApp quando a comunidade começa com alguma movimentação diferente. As famílias já trazem para eles, os professores já trazem: “Olha está acontecendo alguma coisa aqui, precisamos de apoio”, a Guarda Municipal já é disparada pela nossa central de operações, a primeira guarnição que estiver perto já encosta, já faz aquela entrada ou saída daqueles alunos ali, buscando tranquilizar. E a gente sabe que está ocorrendo realmente, na Zona Norte hoje, e também na área da Cruzeiro, está essa guerra aí. A gente tem que, como o Gelson trouxe, enxergar, é uma coisa externa que está acontecendo e existe uma coisa interna. No interno, graças a Deus, nós estamos bem tranquilos, o que nós temos tido dentro das escolas hoje é algum *bullying*, que está sendo trabalhado aí pela SMED, como foi falado. Inclusive a Guarda Municipal trabalha em cima disso também, nós temos, como o Gelson trouxe, um núcleo de ações preventivas onde a gente traz palestras incentivando aqueles alunos a buscarem outros caminhos, buscarem profissionalização. Ensinamos a eles sobre leis, as consequências que podem acontecer por causa de um *bullying*, por causa de uma ocorrência de violência dentro da escola, amadurecendo essas crianças para que elas não aprendam só aquilo que está acontecendo do lado de fora porque isso está sendo recorrente. Como o Gelson

trouxe, a Brigada tem trabalhado bastante, a Polícia Civil, a Guarda Municipal, está todo mundo empenhado. Mas o que acontece é bem isso aí realmente, tem muito investimento no tráfico, por isso a gente está enxergando esse monte de armas aí, que a gente já enxerga coisas que estão vindo lá de cima, do Rio de Janeiro, São Paulo, está chegando aqui, mas o trabalho nosso, aqui do Rio Grande do Sul, tem sido bastante forte. Creio que vai continuar, hoje não tem nenhum representante da Brigada, da Polícia Civil aqui, que poderia até... não vou falar por eles, mas o trabalho deles é forte, vai ser contínuo, temos trabalhado junto com eles também nessas ações. Então, eu creio que devemos continuar nesse empenho, porque a frase, ouvindo um pouco do que os colegas têm trazido daquilo que a comunidade tem nos solicitado, a ênfase acho que é o acolhimento, o acolhimento que é isso que nós temos feito dentro da escola. Aquelas crianças que nos chegam ali, como o Gelson trouxe, às vezes a família não está trabalhando com aquela criança, não está olhando o que ela está levando para a escola, qual é a atitude dela dentro da escola, e aí explodem outras coisas. Então, a gente, com os professores, com os funcionários, com a Guarda Municipal, tem tentado trazer para essas crianças um novo olhar para que elas não aprendam só aquilo que está acontecendo ali na rua. Então, eu acho que, diante disso, acho que podemos continuar amadurecendo esses trabalhos sociais que vêm pela SMED, pela Guarda Municipal também, acho que outras instituições podem entrar ali dentro também. As crianças precisam disso, porque realmente o lado de fora tem trazido uma realidade muito difícil, difícil para qualquer um, até para os funcionários, que, muitas vezes, a gente tem que trabalhar com eles também tentando tranquilizar para que eles venham trabalhar, para que eles não fiquem com aquele medo, com aquela angústia: “Bah, eu vou ter que enfrentar de novo isso hoje”. Sim, vamos lá, mas tu tens o nosso apoio, tu vais poder dar aula para o teu aluno ali tranquilo, a gente vai estar perto de vocês, vai estar ajudando. Então, acho que o caminho é esse, vamos acolher tanto nossas crianças, essa comunidade que precisa, nossos funcionários que estão dia a dia ali. E obrigado por este momento, espero que a gente continue amadurecendo esses espaços muito necessários.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Marco Aurélio. A Sra. Adriana Santos, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SMDS, está com a palavra.

SRA. ADRIANA SANTOS: Boa tarde a todos, quero agradecer o convite, eu sou professora da rede municipal de Porto Alegre também há 33 anos, sou doutora em educação e estou na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social trabalhando com a política de igualdade racial no Município. Muito me honra estar aqui representando o secretário Léo Voigt, que é um sociólogo que discute muito a questão social na cidade. Tem sido muito gratificante poder repartir discussões com ele naquela casa. Quero cumprimentar todos os vereadores presentes, os nossos colegas de rede, o secretário, a doutora e o colega aqui da União dos Estudantes.

Queria pedir permissão ao vereador para fazer uma pequena reflexão, acho muito importante, e falo deste lugar como professora, principalmente, todas as ações que têm sido feitas pela SMED, não só agora, mas ao longo dos anos, e da segurança, e de todos os entes aqui que já, antes de mim, mencionaram suas ações. Eu queria fazer uma reflexão acerca da questão social, porque é sobre isso. Isoladamente, nós fazemos muitas coisas, e eu acho muito valoroso. O próprio secretário trouxe isso: nós todos juntos devemos fazer coisas juntas, porque é sobre isso. A violência ou a falta de paz é um conjunto de ações que falhou, um conjunto de questões que falhou. Logicamente, para que a gente conserte, ou pelo menos amenize essa situação, haverá de ter um conjunto de coisas que funcione conjuntamente, principalmente de olhar social.

Eu queria poder refletir também acerca do que a gente fala do lado de dentro dos muros da escola e do lado de fora dos muros da escola. Colocar esse antagonismo não é saudável. Estamos falando de um todo: a escola e a comunidade são frutos do mesmo. Elas são um produto social. Se a escola é capaz de proteger as nossas crianças, ela é muito mais do que isso, porque a educação é transformadora. É sobre isso que a gente tem que atuar, usar esse mecanismo de transformação. Na minha opinião, e não só porque sou

professora, mas sim porque convivi a minha vida toda profissional trabalhando nas comunidades, é essa educação social inclusive que precisa ser feita.

Eu queria poder refletir com os senhores também, ouvindo atentamente, que a gente cria, ao longo das nossas carreiras profissionais, muitos programas e projetos no afã de tentar resolver o problema pontual, ou atacar as consequências após o ato. Acho que a gente tem que trabalhar muito mais na prevenção. Obviamente que os nossos dias, os nossos tempos atuais não nos permitem tantas reflexões assim, e, por isso, muito valorizo este momento aqui, vereador, porque é justamente isso. Nós estamos tão acostumados a atuar cotidianamente nas nossas correrias, como a gente diz por aí, que a gente não para um minuto para refletir e para planejar. A minha área de atuação dentro da educação é planejamento, embora infelizmente eu não tenha conseguido dar conta tanto assim de planejar coisas, mas é sobre isso: planejar ações.

Às vezes a gente vai perder um tempo, entre aspas, mas vai ganhar uma situação, porque a gente vai sentar e planejar qual a melhor forma de atacar. Não é só a guarda, não é só a educação, não é só... O senhor citou muito bem a problemática da questão: a saúde precisava estar aqui nesta Mesa, porque a gente está falando de saúde mental, sim, que a doutora trouxe muito bem; a gente está falando inclusive de desestruturação familiar. A assistência tem que estar aqui nesta Mesa, a gente precisa conversar sobre como a gente chega no traficante. Como é que a pessoa chegou a esse ponto de ser traficante ou de ser usuário? Quais as causas dessa violência? O que está por trás dessa violência? É muito mais profundo do que simplesmente discutir mecanismo, e não estou minimizando o trabalho de todos os senhores que, pelos relatos que tenho e acompanhei muitos deles, foram sensacionais, mas não estou minimizando; estou problematizando. A gente está atacando uma parte do problema, que é amenizar os danos, amenizar os riscos, para que a gente possa inclusive economizar no custo desses danos, nos custos desses mecanismos de amenizar os danos. A gente precisava planejar um pouco mais coletivamente, como é que a gente ataca esse processo.

Então, muito mais do que fazer uma fala narrativa aqui, eu quero deixar um questionamento: como é que a gente faz isso, colegas? Vamos trabalhar juntos? É isso, obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Eu que te agradeço, Adriana. Inclusive, a reflexão que tu trazes é muito importante para esse nosso debate, e também é uma das razões pelas quais nós convidamos a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social para este debate. Para encerrar a fala dos convidados e convidadas, vou passar para o Filipe, que representa a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

SR. FILIPE DA SILVA SEVERO: Boa tarde a todos os presentes aqui da Mesa. O Giovani já me apresentou, meu nome é Filipe Severo, sou diretor da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES aqui no nosso Estado. Hoje, a UBES não vem a esta Mesa só para comentar sobre o fato, mas, sim, para se colocar à disposição, não apenas dos secretários, mas de toda a comunidade. Queremos estar juntos nessa construção das escolas de pais, não só as escolas, mas como a colega mencionou e secretário também, são questões sobre várias falhas em todas as secretarias, até mesmo da nossa, por termos esquecido essa comunidade. Quando o secretário diz que a comunidade está dominada pelo tráfico, mas é o tráfico da juventude, aqueles “macaco velho” que eram os traficantes de antigamente, é a juventude que hoje está dominando lá. Como que a gente perdeu essa juventude para o tráfico? Chegamos ao ponto em que a juventude não está na escola, no Senai, fazendo um curso técnico, na faculdade... Por que chegou a esse nível? Perdemos a juventude para o tráfico, que hoje domina uma comunidade onde tem pais que acordam cedo para deixar o filho na escola, mas não estão levando porque têm medo de receber uma ligação durante o trabalho, de alguém dizendo que perderam o filho para uma bala perdida do tráfico. Falaram que na escola é mais seguro que estar dentro de casa hoje na comunidade. Que legal! Então vamos usar isso, vamos trazer a comunidade para dentro da escola, vamos fazer atividade cultural lá dentro,

esporte e lazer com essa criançada. Tem que envolver a saúde, sim. Como que está a cabeça dessa criança de cinco ou dez anos? Que não pode ir à escola, porque o pai e a mãe têm que dizer assim: “Olha, é mais seguro tu ficares aqui em casa comigo, ou ires para o meu trabalho no centro da cidade, ou te deixar numa creche, porque lá tu podes morrer, ou no caminho da escola, eu posso morrer junto.” Como está a cabeça dessa criança em saber disso? De estar em casa, dormindo de madrugada, e do nada o pai e a mãe ter que correr com ela para baixo de uma cama, porque a bala estava “comendo” lá na rua? São várias falhas que sempre tiveram e ainda têm. Só que hoje, estamos aqui dispostos a dialogar e construir juntos uma saída para tudo isso, e é isso que a gente vai sair daqui fazendo. A gente vai pegar a comunidade, vai pegar os pais... A gente convida os pais para a reunião na escola, mas eles não querem ir. Chamamos eles para irem na escola para falar a mesmice de sempre. Vamos fazer um sábado letivo diferente, levar lá para jogar futebol com as crianças e enturmar eles. Não é só o pai e a mãe, é a comunidade em geral. Tem um movimento de hip-hop bem grande em Porto Alegre, vamos levar para lá, vamos resgatar essa juventude que se entregou para o tráfico. Vamos pegar eles de volta para nós, eles são nossos, nossa propriedade, da cidade. Não é porque eles se entregaram que não tem solução, vamos resgatar eles de volta, vamos colocar eles de volta na escola. Por que nossos EJAs à noite são esvaziados? Porque o pessoal prefere ganhar aqueles R\$ 50,00 mais fáceis lá na esquina do que estar numa sala de aula que não tem professor e não tem estrutura. Porque ele não tem um acesso à saúde de qualidade no bairro dele, porque ele não tem um emprego, então para ele é muito mais fácil aqueles R\$ 50,00 lá na esquina. São essas falhas que fazem com que se chegue a esse limite, mas isso dá para ser corrigido com a disposição de todos de trabalhar juntos e unidos.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Felipe, pela bela representação dos estudantes aqui na reunião. Vou passar a palavra ao Ver. Mauro.

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): Boa tarde a todos. Peço desculpas, pois cheguei um pouco atrasado, pois estava em outra reunião com o Presidente da Casa e acabei me atrasando. A vantagem de ficar por último é que a gente vai aprendendo com vocês, que são especialistas cada um numa área. Nós vereadores, eu sempre digo, somos especialistas em tudo, porque tratamos de saúde, de educação, de segurança, de cultura... Vamos aprendendo no dia a dia, e eu que, antes de ser vereador, venho do comércio, e comércio na periferia, aprendi muito por conviver no meio das comunidades. Meu comércio, que hoje a família toca, é no bairro Ruben Berta, então é na fronteira do Leopoldina com a Cohab Ruben Berta, a gente conviveu muito ali, Timbaúva, Mário Quintana. Convive ainda, e como comerciante podemos ver os movimentos por dentro das comunidades, então, a gente acaba vendo o movimento por dentro. Não é, Ver. Giovane Byl? O Byl que também mora na Zona Norte, a gente conhece por dentro os movimentos. E a gente tem que até parabenizar a segurança da Guarda, da Brigada, da Polícia Civil pela forma inteligente e a coragem que eles têm, porque o que aconteceu no Mário Quintana nesses últimos dias foi uma guerra, uma guerra de guerrilhas, uma guerra civil, que é muito mais difícil do que a guerra formal, porque tu não sabes quem é quem, porque tu entras ali, todas as pessoas são civis normais, mas tu não sabes quando vai aparecer uma pistola, um fuzil, uma granada. Do jeito que está o armamento lá, é pesado, a gente vê e escuta à noite o tiroteio. E o que a gente vê é que são principalmente das regiões de mais baixo IDH da cidade, é lá que prospera a organização do crime, é um comércio hoje, um comércio muito forte. Só que um comércio, doutora, que é diferente do comércio formal, se eu tenho um negócio e eu quero vender, eu vendo, eu compro, ali o comércio é dominado pelas facções, pela disputa na bala. Então se eu quero aquele ponto comercial, eu vou lá com a minha equipe armada e vou assumir aquele comércio ali. É uma disputa na verdade pelo comércio, por recursos de pessoas que estão ali, e a grande maioria deles dominados por pessoas que talvez estejam lá dentro do presídio comandando aquele comércio por disputa. Certamente é uma disputa comercial, decidida na bala.

Aqui nós estamos discutindo a paz nas escolas, mas é a paz no bairro inteiro, porque a grande maioria das pessoas que está ali naquele entorno dessa guerra não tem nada a ver com a guerra, eles moram ali, porque é o local que eles têm para morar, em que se criaram, em que nasceram, em que moram, é onde eles conseguem manter a sua família. A minoria que está nessa guerra, nessa disputa, é que leva a falta de paz para todos os moradores, a escolas que fecharam, o comércio certamente também fechou, alguns que deixaram de trabalhar, então, muda a vida da grande maioria das pessoas por uma disputa. E talvez, aqueles que estão disputando nem sejam do bairro, nem sejam da vila, sejam pessoas de fora, aí a gente tem que fazer toda essa questão que a gente está discutindo aqui. Mas a disputa, na verdade, é pela falta de condições e de oportunidades. Aqueles que estão ali trabalhando muitas vezes no tráfico, é a oportunidade que eles tiveram de trabalho, eles não tiveram outra oportunidade. Eles estão trabalhando, para eles é um trabalho vender, ficar na esquina, ganhar os R\$ 50, R\$ 100, sei lá o quanto eles ganham, mas para eles é um trabalho. Então a o crime está ficando mais organizado do que nunca, e é uma forma de estar gerando emprego, e aí nós temos que ter uma discussão de como nós vamos agir para diminuir isso, para terminar. Aí tem as várias disputas ideológicas de como agir e tal, mas hoje nós temos que nos preocupar de como melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Agora, nós temos as emendas impositivas, e eu vi, assim, praças de periferia que eram abandonadas, e eu coloquei emenda parlamentar para colocar uma praça, com equipamentos de pracinha, e aí a secretaria vai lá e ajeita a pracinha e bota o equipamento. Era uma praça em que tu não vias ninguém e hoje tu passas lá no domingo e está cheio de famílias, de crianças brincando. Então, quer dizer, o estado chegou, cumpriu com a sua tarefa, as pessoas dominam. Quando o estado não consegue fazer a sua parte – aí não é uma crítica para Guarda, para Prefeitura, ou para esse governo, é o estado como um todo –, quando ele não consegue fazer a sua função, acontece que alguém toma conta. Se o espaço está vazio, ou se a escola não está em condições, se não tem a creche, se não tem o trabalho, vai acabar alguém tomando conta. Então é uma

discussão que nós temos que fazer. Agora aconteceu isso, e cada vez está acontecendo mais, porque está se fortalecendo, o crime está cada vez mais organizado, ele tem um poder que a gente nem sabe da onde vem, quem comanda. Então aqueles que estão ali, os que estão morrendo e se matando são os que menos sabem o que está acontecendo, eles estão cumprindo uma tarefa como se fosse, um soldado, não o soldado do bem, mas o soldado que está ali no crime, que foi contratado, que foi resgatado. Acho que essa é a discussão que a gente tem que fazer, não é uma questão fácil. Se tivesse uma fórmula matemática fácil, já tinha sido aplicada, mas a gente tem que, sim, discutir, o que é bastante difícil; cada um de nós que está aqui está pensando em buscar uma solução, acho que de longo prazo, porque, que nem a segurança, ela vai lá, preventiva, e tal, mas ela não é responsável pelo que está acontecendo, ela tenta segurar, e ainda bem que tem, porque quem corre risco de vida para ir lá amenizar... E o que a gente viu de atuações agora da segurança pública, até no início tinha muita gente criticando, onde é que estava a segurança pública e tal, é uma questão de tempo; estudou, viu, a forma inteligente lá de estudar, depois foi para o terreno, está combatendo com louvor ali, só que a as vidas estão se perdendo, para todos os lados, vida, segurança paz, as pessoas deixando de ter a sua vida normal. Então, acho que a nossa discussão é muito maior, assim, do que o ponto, porque isso aconteceu no bairro Mário Quintana, pode acontecer na Cruzeiro; tem vários pontos da cidade, a gente pode citar vários que a gente conhece bem, onde gente sabe que tem o problema, todo mundo sabe, mas às vezes não é a Brigada Militar, a Polícia Militar, Polícia Civil, se ela for lá e estourar o ponto, ela até pode saber onde está, mas a repercussão depois, às vezes, é maior. Eu até não sei em qual momento; muitas vezes a polícia sabe onde está e não pode mexer, porque se mexer, a repercussão que dá, esse movimento de... Se ela aprende lá o pessoal que está ali naquele ponto, o comércio ficou vazio e vai vir outro, que vai disputar com aquele. Então é uma questão... Eu não entendo muito essa parte segurança, mas a gente imagina o quanto deve ser difícil até de tomar as decisões. Eu acho que a gente que tem que procurar ouvir vocês, que são diversos setores, diferentes, para que a gente possa ir tomando

decisões aqui, junto à Câmara, junto com o governo, para que a gente possa ir tomando medidas para que não chegue nesse ponto, principalmente os jovens, as crianças tenham melhores oportunidades, para que não sejam levados a pensar que a melhor oportunidade seja essa, de ir para o lado errado, para o tráfico, porque às vezes até ele em pensa né, ele se cria ali, ele está vendo ali o cara na esquina, o cara que anda com a melhor moto, melhor carro, melhor tênis, melhor roupa, mas, “Bah, eu quero ser que nem ele.” E daí vai pegando o exemplo, não é Byl, o exemplo errado. Eu acho que essa é a nossa função aqui, tentar levar, mostrar que existe um outro lado melhor, trabalhar em conjunto para buscar melhorar a qualidade de vida das pessoas. Obrigado, desculpe se eu me alonguei Giovani!

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Vais comentar alguma coisa, secretário?

SR. GELSON LUIZ GUARDA: Não, só esse problema do tráfico, todo mundo sabe que é por causa das várias facções; essas facções vêm do interior do Estado, vêm de várias cidades, para tomar pontos aqui de Porto Alegre – isso ocorre no inverso também. Um dos grandes problemas que nós temos é com Novo Hamburgo e Rio Grande, de onde eles vêm para tomar pontos de tráfico aqui de Porto Alegre. Essa situação que está ocorrendo ali no bairro Mário Quintana foi a dissidência de um integrante da própria facção que saiu. “Tu vens comigo? Não vem, matou. Tu vens comigo? Não vem, matou; Tu vens comigo? Venho; daí todos os pontos que tu tinhas tu traz para mim também. E por aí nós vamos, mas digo, tive a grande oportunidade de trabalhar no Detran, onde tive um aprendizado fenomenal, não adianta, tudo, o ensino começa lá embaixo, começa na criança, começa na escola.

VEREADOR GIOVANE BYL (PTB): Boa tarde, quero começar cumprimentando aqui meus colegas vereadores, Ver. Mauro, presidente, Ver. Giovani Culau, mais uma vez traz aqui para nós discutirmos na CECE um assunto de extrema relevância, importância; teu mandato tem sido importante para essa Casa

Legislativa; todas provocações, todas as proposições são debates extremamente importantes. Eu quero saudar aqui nosso secretário, grande parceiro, nosso Marco Aurélio Goulart; nossa querida da SMED, a Célia; nossa representante do Ministério Público, Dra. Cristiane; nossa amiga lá, junto com Léo Voigt, Adriana; o nosso jovem representante do movimento estudantil, todos também que estão presentes aqui. Primeiro, acho que foi falada muita coisa relevante, Mauro, e eu quero fazer algumas ponderações também. Primeiro, quero dizer que, se o Município, o Estado e o governo federal não entenderem que essa pauta da segurança e da segurança da comunidade escolar tem que entrar na agenda do Executivo, tem que entrar na agenda do Legislativo... O que a comunidade escolar de Porto Alegre enfrenta hoje, o Rio de Janeiro está enfrentando: mais de 35 ônibus foram queimados. O real terrorismo está acontecendo lá no Rio de Janeiro, as grandes milícias, enfim. Isso é um problema nacional. Eu moro no Mário Quintana, sou morador do Mário Quintana, doutora, e a minha comunidade, a minha casa, está no epicentro de tudo isso que está acontecendo e que vira manchete. O que vira manchete, eu, minha esposa, meus dois filhos, a bala que vocês escutam no áudio do WhatsApp passa por cima do telhado da minha casa. Vereador, por que que tu não se mudas de lá? Muitas pessoas me perguntam isso. Nós sempre, como líderes comunitários, Giovani, sempre criticamos a ausência do Estado. O Estado não está presente. Eu me eleger vereador e sair, aí eu estou indo contra tudo aquilo, Mauro, em que eu sempre acreditei. Então, nós continuamos lá dentro da comunidade, e quando vocês falam da criança... Minha filha vai para a escola; ela ficou sem ir à escola por uma semana. No final de semana, deu um enorme conflito, e minha filha agora quer ir para debaixo da cama. Ela escuta um barulho e ela vai para debaixo da cama. A gente está procurando psicólogo, coisa e tal. Como é que tu trabalhas? Como é que uma criança, quando escuta um barulho que parece um balão... Agora, se um balão estoura, um foguete estoura, é tiro. Eu estou falando da minha filha. E as outras crianças da comunidade? Então, para os professores que estão lá dentro da escola, é dureza demais. Aqui a gente louva o trabalho dos professores. Como é que a gente vai ensinar a uma criança

e como é que ela entra na sala de aula com tudo isso na mentezinha dela, não é, doutora? Então, só para ressaltar, a gente sabe bem essa realidade. Nós temos vereadores aqui; o Mauro conhece muito bem essa realidade, secretário. Então, a gente tem discutido, a gente tem falado sobre isso. Mas como é que se resolve isso? Se nós não conformarmos uma Mesa para achar uma solução, a gente vai ficar sempre discursando, a gente sempre vai achar um culpado e a gente não vai achar soluções. Eu acredito que essa CECE é muito propositiva, mas, se nós não criarmos um GT, um grupo de trabalho, se nós não enfrentarmos isso com prioridade, vai passar um ano. Hoje, é o Mário Quintana; amanhã, Bom Jesus; depois de amanhã, Vila Cruzeiro. O que que a gente identifica? Porto Alegre vira Rio de Janeiro. O poderio bélico tem. Mas como é que a gente vê isso? O jovem que assume o risco de ganhar um dinheiro onde o custo é a vida, esse jovem é um empresário, esse jovem é um empreendedor nato. O que nós precisamos é criar uma política pública que quebre esses ciclos. Como assim, vereador? Deixe-me dizer a vocês aqui: o meu pai foi preso por homicídio. Meu pai era dependente químico e morreu como morador de rua na Praça da Alfândega. O meu irmão, com 13 anos, cometeu o primeiro furto. Com 15 anos, puxou FASE; 3 anos de FASE, 10 anos de PEJ. Eu perdi três primos assassinados. Então, você ia ao Mário Quintana e você olhava para minha família e dizia: “Esse aí vai ser igual o pai dele ou igual ao irmão dele”. Como é que o ciclo foi quebrado na minha vida? Quando eu tive oportunidade: oportunidade de conhecer o *hip-hop*; oportunidade, dentro de um projeto social de uma igreja evangélica, que me deu um violão e um microfone; oportunidade de o orçamento participativo dar voz a nós, como jovem. As oportunidades que eu tive transformaram a minha vida. Por quê? Os jovens sabem que o crime não compensa. Os jovens sabem que aquele caminho que eles estão... E lá no projeto – eu sou pastor de uma igreja dentro do Mário Quintana –, a gente faz um trabalho espiritual com dezenas de famílias. Amanhã, a gente tem reunião. A gente está acolhendo o pessoal e a gente fala para o jovem que o crime não compensa. A gente os convence de que o crime não compensa, mas aí eles dizem: “Onde é que eu arrumo um emprego Byl? Onde é que eu recomeço a

minha vida?" E aí a gente vai olhar e tem pouca oportunidade. Então nós podemos convencer os jovens de que o crime não compensa, mas, se nós não dermos oportunidades, nós não vamos transformar a vida deles. Então, enquanto nós não entendermos e entrarmos para dentro da comunidade... Hoje está a força policial lá. E quando a Brigada sair? E quando a Civil sair? O que que vai ficar lá do poder público para manter a harmonia? O que que vai ter lá do esporte? O que que o esporte vai manter lá? O que que a cultura vai fazer lá? O que que a assistência social vai fazer lá? O fracasso das UPPs; é um case de fracasso. Não deu certo. O Rio de Janeiro voltou com a milícia. Violência, e aqui eu não quero polemizar, mas a gente não combate uma ideia com tiro. Não adianta matar. Mataram o Osama Bin Laden achando que iam acabar com o terrorismo; criou o estado islâmico. Está aí, entendeu. Nós combatemos ideias no campo da... Mataram Jesus Cristo achando que iam acabar com a mensagem dele, e aumentou. Então ideias nós combatemos com ideias melhores. Então nós temos que pensar como governo, como uma política pública permanente para ocupar esses territórios com ideias melhores, de empreendedorismo dos jovens, esses jovens são empreendedores. A gente tem que trocar a arma por uma tesoura, por uma máquina de barbeiro. Entendeu? A gente tem que ensinar os nossos jovens a mexer em aplicativo de celular. Então se nós não enfrentarmos isso, e o Município não entrar agora com oportunidades, mês que vem, ano que vem, nós, nos reelegendo, nós vamos estar discutindo isso, doutora, a gente vai continuar discutindo isso. O tempo vai passar, a gente vai discutir isso, mas que bom, Ver. Giovanni, que tu trazes esse assunto à tona aqui, aqui é uma audiência da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. A gente tem que sentar, a gente tem que criar um grupo de trabalho, e a gente tem que agir na raiz lá, que é dar a oportunidade para os nossos jovens, e a oportunidade vem através da política pública. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Eu quero agradecer a todos e todas, aos convidados, aos meus colegas vereadores Mauro, Giovane, enquanto eu te ouvia falar, Filipe, eu decidi jogar no Google: jovens estudantes

mortos; e é muito triste, Byl, ver as notícias que se repetem ano após ano. Numa pesquisa rápida: estudante de 16 anos morre atingido por bala perdida dentro de casa; estudante de 14 anos morto por bala perdida é enterrada; morre estudante vítima de bala perdida durante operação no Complexo da Maré... São notícias que se repetem ano após ano, e, quando uma notícia dessa vai para a imprensa, é sinal que nós fracassamos, Adriana. Quando uma escola fecha uma semana Byl, é porque nós fracassamos, e nós propusemos que mais uma vez esse fosse um tema de discussão aqui na comissão de educação, porque nós não podemos deixar com que esse debate saia do debate desta Câmara de Vereadores, porque deixar com que esse assunto saia do debate da Câmara de Vereadores, é a gente não conseguir construir hoje, Adriana, a possibilidade de um futuro diferente. Nós precisamos pensar esse tema da violência dentro e fora da escola, porque ele se relaciona de forma sistêmica, de forma integral, de entender que quando a gente perde um jovem, como tu disse, Filipe, para o tráfico de drogas, é porque nós fracassamos. Hoje, a realidade, Byl, no Brasil, é de que os jovens negros, em especial, a cada pouco mais de 20 minutos são mortos no nosso País; um jovem negro morre no nosso País a cada 23 minutos. Isso não é porque esse jovem, ao nascer, tinha um futuro pré definido ou porque era mau, é porque nós estamos perdendo essa juventude, não estava no DNA, Adriana. Então esse é um debate profundo que nós precisamos seguir construindo. Eu acho que ao tu te manifestares aqui, Byl, eu acho que esse tema da construção de um grupo de trabalho é algo que nós falamos lá no primeiro semestre, e nós precisamos consolidar, transformar em realidade, percorrer as escolas da nossa cidade. Nós não conseguimos enquanto CECE ainda, não é Mauro, fazer essas visitas. Eu acho que dialogando, articulando com as escolas, com a Secretaria Municipal de Educação, mas com as demais secretarias, mobilizando a cidade no que a gente pode contribuir para apontar uma nova agenda. Esse é um esforço de médio e longo prazo, mas eu gostaria de, neste momento nosso do debate, fazer três sugestões. Talvez a Prefeitura já esteja se movimentando nesse sentido e, caso já esteja, é o momento de a gente ter também o relato, mas eu queria deixar três sugestões imediatas. Primeiro, eu penso, Mauro e Bill, que nós precisamos

pensar, para a Secretaria Municipal de Educação, ações específicas nessas escolas que têm sofrido com essa situação de conflito, de violência na Zona Norte da cidade, quais medidas nós vamos ter de recuperação de aprendizagem. Nós falávamos, e a Dra. Cristiane falava das defasagens educacionais do período da pandemia, mas, quando uma escola fecha uma semana, a gente tem um impacto no processo de aprendizagem. Nós estamos falando não só de uma semana, porque nós estamos falando que, fruto do conflito, crianças deixaram de ir para a escola antes de a escola fechar oficialmente. E, depois que a escola abriu, as crianças não voltaram; nós estamos falando de crianças com 15, 20, um mês fora da escola. Então eu queria sugerir que um dos encaminhamentos nossos aqui dessa reunião seja um pedido para que a Secretaria Municipal de Educação examine medidas específicas para as escolas atingidas nesses últimos episódios de violência na Zona Norte e que ações de recuperação de aprendizagem nós podemos ter. Eu acho que estamos apresentando isso aqui na audiência da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude, mas também podemos formalizar, enquanto pedido de providência na formalização desse nosso debate.

A segunda questão: algo que sempre marcou a rede municipal de Porto Alegre é aquilo que nós chamávamos de redinha, Adriana, que articulava a escola com o conjunto dos equipamentos públicos do território de forma transversal e integrada. Eu quero deixar de sugestão também aqui, e eu consegui perceber todo o esforço da Secretaria Municipal de Educação, mas ainda com todo esse esforço, por vezes, chega o relato das direções escolares de insegurança na tomada de decisão, de carência de orientações. Então eu penso que – e a Dra. Cristiane falava dessa necessidade de aproximar as instituições e aproximar essa comunicação – essa tomada de decisão sobre abertura e fechamento da escola, Célia, passa pelo protagonismo da direção e do conselho escolar. Mas eu penso que a gente deveria pensar uma espécie de redinha específica para essa tomada de decisão, porque a tomada de decisão sobre abrir e fechar escola também precisa ser feita de forma articulada com a secretaria e com as forças de segurança, com a assistência social, com o Conselho Tutelar da região.

Então, nos protocolos desenvolvidos pela secretaria e nas orientações que têm sido dadas, eu quero deixar essa segunda sugestão para que a tomada de decisões sobre a condução que a escola vai ter nos momentos de crise seja de forma articulada e integrada com o protagonismo da direção e do conselho escolar. Mas a gente precisa, para além dos muros da escola, de uma articulação para essa tomada de decisão.

E, por fim, a EPTC não foi convidada, então não é nenhuma crítica à ausência, mas um dos relatos, Bill e Mauro, que se tem é justamente da necessidade de ajuste das linhas de horários de ônibus que atendem às escolas. Então essa é uma demanda que já foi reportada para a Secretaria de Educação, e eu coloco aqui, mais uma vez, para a Secretaria de Educação, mas também para a Secretaria de Desenvolvimento Social, que sejam secretarias que acompanhem essa pauta apresentada pelas escolas da região. Porque a gente precisa de um ajuste nos horários justamente para que, encerrado o horário das aulas, a comunidade escolar não passe um tempo excessivo nas paradas aguardando que o transporte chegue.

Então são esses os três encaminhamentos, Presidente Gilson, que eu gostaria de deixar aqui para a conclusão desta nossa comissão. Da minha parte é isso, agradeço, mais uma vez, a presença de todos e todas. E penso que este não é um debate que se encerra aqui, e que a gente possa seguir juntos encontrando medidas definitivas de médio e longo prazo para que a gente crie, de fato, uma cultura de paz nas nossas escolas. Mas, de modo geral, também nos territórios onde as nossas escolas estão, porque as escolas municipais exatamente estão nos espaços de maior vulnerabilidade social de Porto Alegre. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 15h45min.)